

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Francisco Santos da conceição

**A PNEUMATOLOGIA PRÁTICA: O PAPEL DO
ESPÍRITO NA FORMAÇÃO ESPIRITUAL E NO
DISCIPULADO CRISTÃO CONTEMPORÂNEO**

SÃO PAULO
2026

Francisco Santos da conceição

A PNEUMATOLOGIA PRÁTICA: O PAPEL DO ESPÍRITO NA FORMAÇÃO ESPIRITUAL E NO DISCIPULADO CRISTÃO CONTEMPORÂNEO

Trabalho de Conclusão de Curso de
graduação, apresentado como requisito
final do curso de Bacharel em Teologia da
Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Me. Marcos de Almeida.

SÃO PAULO
2026

Conceição, Francisco Santos da.

A pneumatologia prática: o papel do Espírito na formação espiritual e no discipulado cristão contemporâneo. / Francisco Santos da Conceição.
– São Paulo: 2026.

34 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia) -
Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Marcos de Almeida

1. Espírito Santo. 2. Paráclito. 3. Pneumatologia. 4. Evangelho de João. 5. Formação espiritual I. Título. II. Almeida, Marcos de.

CDD 248

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Francisco Santos da Conceição

**A PNEUMATOLOGIA PRÁTICA: O PAPEL DO
ESPÍRITO NA FORMAÇÃO ESPIRITUAL E NO
DISCIPULADO CRISTÃO CONTEMPORÂNEO**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Marcos de Almeida – Orientador

Prof. Me Joerley Orlando de Oliveira Cruz – Leitor

AGRADECIMENTOS:

Agradeço a Deus, que pelo Seu Espírito Santo me deu força, direção e sabedoria durante toda esta jornada. Sem Ele, este trabalho não teria propósito.

À minha família, pelo apoio, amor e orações em todos os momentos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos de Almeida, pela orientação, paciência e ensinamentos que foram essenciais para esta pesquisa.

À Faculdade Teológica Batista de São Paulo, professores e funcionários, pela formação e suporte.

RESUMO

Este trabalho estuda o papel prático do Espírito Santo na formação espiritual e no discipulado cristão hoje. O objetivo é entender quem é o Paráclito e como Ele age na vida do crente e da Igreja, com base no Evangelho de João e nos pais da igreja. A pesquisa foi bibliográfica, usando autores como Raymond Brown, D. A. Carson, Basílio de Cesareia e Yves Congar. Primeiro, analisa-se o Paráclito em João 14,26 e como a pneumatologia foi esquecida na teologia ocidental. Depois, mostra-se a ação do Espírito Santo como Criador, Governador, Revelador, Vivificador e Capacitador, que convence do pecado, guia à verdade, capacita para o serviço e forma o caráter de Cristo. Conclui-se que o Paráclito é essencial para o discipulado, pois mantém vivo o ensino de Jesus na Igreja atual.

Palavras-chave: Espírito Santo. Paráclito. Pneumatologia. Evangelho de João. Discipulado.

ABSTRACT

This work studies the practical role of the Holy Spirit in spiritual formation and Christian discipleship today. The objective is to understand who the Paraclete is and how He acts in the life of the believer and the Church, based on the Gospel of John and the Church Fathers. The research was bibliographic, using authors such as Raymond Brown, D. A. Carson, Basil of Caesarea, and Yves Congar. First, the Paraclete in John 14:26 is analyzed, and how pneumatology has been neglected in Western theology. Then, the action of the Holy Spirit as Creator, Governor, Revealer, Life-Giver, and Empowered is shown, who convicts of sin, guides to truth, empowers for service, and forms the character of Christ. It concludes that the Paraclete is essential for discipleship, as He keeps the teaching of Jesus alive in the Church today.

Keywords: Holy Spirit. Paraclete. Pneumatology. Gospel of John. Discipleship.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1: DEFINIÇÕES E PROPÓSITOS DA PNEUMATOLOGIA.....	10
1.1 A Pneumatologia Na história da igreja.	11
1.2 O Paráclito: o Espírito Santo na literatura joanina.....	12
1.3 O Paracleto na compreensão de João	14
CAPÍTULO 2: O PARÁCLITO E OS PAIS DA IGREJA.	16
2.1 O século 1: Didaquê, Clemente de Roma e o Espírito santo.	17
2.2 A defesa ao Espírito santo por Basílio Magno.	19
2.3 Combatendo as heresias	20
CAPÍTULO 3: O PAPEL DO ESPÍRITO SANTO NA VIDA CRISTÃ E NA IGREJA	22
3.1 Os fundamentos bíblicos	22
3.2 A atividade do Espírito santo no crente.	24
3.3 O Espírito Santo e a Igreja	26
3.4 O Espírito santo capacita a igreja.....	28
Considerações finais	30
Referenciais bibliográficos	31

Introdução

O tema da espiritualidade tem provocado questionamentos relevantes e reflexões contínuas entre pesquisadores da fé cristã desde sua origem; dentre esses nomes podemos destacar, os pais da igreja que foram os primeiros a sistematizar o assunto, reformadores como João Calvino e Martinho Lutero; como também Jurgen Moltmann, teólogo do século XX. Nesse contexto, a Pessoa do Espírito Santo ocupa lugar central, tanto em relação à sua natureza quanto às suas ações. Assim, investigar interpretações consistentes das descrições bíblicas acerca do Espírito Santo e de sua obra ao longo da história da Igreja permite compreender melhor sua transcendência e imanência. Por isso, este Trabalho, elaborado por meio de pesquisa bibliográfica, tem por objetivo analisar a essência e a atuação do Espírito Santo na vida do cristão e na Igreja, estruturando-se em três eixos principais.

Inicialmente, abordou-se a forma como o *parakletos*, o Consolador, é apresentado nas Escrituras Sagradas e de que maneira essa compreensão se desenvolveu nas diferentes tradições teológicas ao longo do tempo. Essas questões buscaram examinar a pessoa do Espírito Santo — aspecto frequentemente negligenciado — com o propósito de entender com maior clareza sua operação na vida do crente e na comunidade eclesial.

Em seguida, o estudo voltou-se para a atuação efetiva do Espírito Santo na existência do cristão. Foram destacadas diversas dimensões de sua obra, tais como: convencer do pecado, guiar à verdade, habilitar para o serviço e formar o caráter de Cristo no fiel, entre outras funções.

O objetivo foi demonstrar, ainda que de modo sucinto, como suas manifestações se integram à experiência individual e colaboram para a edificação do corpo de Cristo. Por fim, com igual relevância, evidenciou-se o vínculo profundo entre o Espírito Santo e a Igreja.

Essa relação foi analisada a partir de cinco aspectos fundamentais: Criador, Governador, Revelador, Vivificador e Capacitador. Ao tratar desses elementos, percebe-se a atuação constante do Espírito na comunidade de fé, orientando seus caminhos, promovendo o discernimento da verdade divina, fortalecendo a vida espiritual e habilitando a Igreja para cumprir sua missão na terra.

O processo de investigação e aprendizagem acerca da pessoa e da obra do Espírito Santo deve resultar em um percurso de crescimento espiritual e de edificação mútua, quando conduzido pela ação soberana e graciosa do Deus Trino. Ao percorrer esse caminho neste trabalho, busca-se alcançar uma compreensão mais ampla e significativa da presença indispensável e singular do Espírito Santo na vida daqueles que creem no Cristo de Deus.

Capítulo 1: Definições e propósitos da Pneumatologia

Uma das dúvidas que pode ocorrer para o iniciante de teologia, é o porquê de a doutrina do Espírito santo chamar -se pneumatologia e, em alguns casos, paracletologia¹. Ainda que, a última pronúncia seja menos utilizada, ela é mas obvia, por causa do expressão grega παράκλητον, paráclito ou paracleto, essa expressão que foi utilizada por Jesus Cristo em João 14:16 e muito utilizado em sermões, estudos e afins, cujo significado é Valedor, ajudador, consolador. Visto que o Cristo, ao usá-la referia-se ao Espírito santo. Já o termo pneumatologia, oriundo da palavra, grega πνεῦμα, *pneuma*, é mas utilizado e desse termo resulta-se na diversidade de estudos que englobam não somente a pessoa do Espírito santo em si, mas em todas as ações que o envolvem (Carvalho,2022, pág.: 332).

O Teólogo brasileiro, Gutierrez Siqueira, reflete que a pneumatologia é um campo teológico, que trabalha com uma série de conceitos interligados:

Um desses termos é pneumatologia (do grego, pneuma, "espírito", e logos, "ensino, doutrina"). A pneumatologia é o estudo sobre o Espírito Santo. Entre os diversos assuntos da pneumatologia, estão: criação do cosmo, novo nascimento, santificação, dons espirituais, batismo no Espírito Santo, missões e até mesmo política. Como reflexão teológica, a pneumatologia é um ramo da teologia sistemática. Como o próprio nome já diz, a teologia sistemática trabalha com uma cadeia de conceitos interligados, os quais funcionam como uma estrutura única. (Siqueira, 2023, p. 19).

O teólogo Cesar Moisés Carvalho (2023, pág 331-332), compartilha, que apesar da expressão “pneumatologia” ser comumente usada para falar da doutrina do Espírito santo, torna-se curioso quando se verifica que nos grandes dicionários e enciclopédias teológicas disponíveis em língua portuguesa, quase nenhum possui o verbete “pneumatologia”. Porém, esse termo além da teologia, é também utilizado na filosofia e antropologia para se referir ao estudo da alma humana ou espírito.

O escritor Justo Gonzáles escreve que mesmo de uma forma muito peculiar, entende a expressão e explica que é derivado do grego Pneuma (espírito, vento, alento) e logos (discurso, estudo, palavra, tratado) isto é, a pneumatologia é a parte da teologia que se dedica à doutrina do Espírito santo, ainda acrescenta a mesma tem

¹ Paracletologia destina-se ao Estudo sobre a pessoa do Espírito Santo, uma vez que Jesus fez uso da expressão Paracleto (Espírito Santo). Juntando com termo logia (estudo), denotamos paracletologia, o Estudo sobre o Espírito santo.

sido descuidada, em boa parte da teologia tradicional, recebendo atenção no século 21 (Gonzalez, 2009, p. 255).

1.1 A Pneumatologia Na história da igreja.

A teologia cristã pode ser dividida em três grandes períodos: patrístico, escolástico e moderno. No primeiro período o problema era a cristologia, a soteriologia e o dogma trinitariano. Na escolástica o problema era outro (a tentativa de provar a existência de Deus); já no período moderno o debate gira em torno da antropologia, o próprio homem, essa divisão são resume dois milênios e no tocante a Pneumatologia, foi desenvolvendo lentamente.

Na historiografia da teologia ocidental, o pensamento exercido no seio da igreja cristã teve como foco o discernimento da fé e uma consequente ação pastoral e evangelizadora, a teologia tornou a rainha das ciências no ocidente; buscava sempre uma rica interação com a espiritualidade. Os teólogos (a), estavam cientes de existir em função da promoção da vida e do aprofundamento da fé, na força do Espírito. (Siqueira, 2023, pág: 24).

O Teólogo católico Yves Congar, destacou que a teologia ocidental tendeu a focar excessivamente na cristologia, deixando a pneumatologia em segundo plano e isso ocasionou o que foi denominado: “esquecimento do Espírito.” (Congar, 2005, p. 208); com isso Jürgen Moltmann destaca que, o esquecimento do Espírito durou até bem pouco tempo. Ele Diz:

Cerca de vinte anos atrás era comum os trabalhos sobre o Espírito Santo serem introduzidos com uma Lamentação sobre ‘o esquecimento do Espírito Santo’, na Atualidade em geral e na teologia evangélica em Particular”. (Moltmann, 1998, p. 13)

Na verdade, na própria história da teologia Trinitária a discussão girou em torno do Pai e do Filho e o Caráter pessoal de ambos é mais destacado que o Espírito, pois suas relações recíprocas aparecem explicitamente nos próprios nomes segundo o teólogo Católico Luis Ladaria, professor na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma:

Dado que na Santíssima Trindade nada é simplesmente “repetível”, o próprio uso Da expressão “três pessoas” não deixava De suscitar problemas já em Santo Agostinho. (...) Foi possível observar Como o

Espírito Santo, em suas Características peculiares, aparece no Novo Testamento como sujeito, como Centro de atividade. É claro que esse fato nada tira da maior dificuldade que desde Sempre suscitou o discurso sobre o Espírito Santo. Sem dúvida essas Dificuldades foram causas em parte do Relativo esquecimento do Espírito Santo e De sua função insubstituível em nossa Salvação, que de fato se produziu em Certas épocas, tanto na reflexão teológica. (Ladaria,2005, Pág. 323).

Basílio de Cesareia (330-379 d.C). É um dos nomes de grande marco na patrística, seu escrito: *o Tratado sobre o Espírito Santo* é considerado o principal estudo pneumatológico dos primeiros séculos da igreja cristã. O Espírito Santo não era o foco nas discussões no século 16. Esse conversar começou a ser séculos depois

O escrito Gutierrez Siqueira faz uma afirmação valiosa:

O Espírito Santo não foi redescoberto na Teologia, Ele nunca esteve ausente da igreja de Cristo. Não é cabível a ideia de uma ausência do Espírito Santo neste mundo, nem mesmo nos cenários mais tenebrosos. Quando olhamos para o novo testamento Novo Testamento nos deparamos com o protagonismo do Paráclito, sua presença emergida em diversos escritos: Lucas-Atos, escritos joaninos e em boa parte na literatura Paulina.¹No Brasil publicado como: patrística: Basílio de cesareia (Siqueira, 2023, pág: 23)

A colocação de Siqueira corrige um equívoco comum: tratar o Espírito Santo como se tivesse sido reencontrado pela teologia moderna. Como ele aponta, o Novo Testamento já revela o protagonismo do Paráclito em Lucas-Atos, nos escritos joaninos e em Paulo. O Espírito não esteve ausente; esteve presente e atuante desde o início da Igreja. Se houve “esquecimento”, ele ocorreu na reflexão teológica ocidental, não na realidade da Igreja. Essa constatação é fundamental para o estudo da pneumatologia: não se parte do zero, mas da herança bíblica e histórica que sempre reconheceu o Espírito Santo como Deus, agente da criação, da revelação e da santificação.

1.2 O Paráclito: o Espírito Santo na literatura joanina.

Os evangelhos apresentam a pessoa do Espírito santo, (Mt 1.18-20; Mt 3.11; Mt 12. 31; Mc 1. 8; Mc 1. 12; Mc 13. 11; Lc 1. 15; Lc 1. 35; Lc 3.16; Lc 11. 13; Jo 3. 5; Jo 3. 34; Jo 20. 22) e suas realizações na vida de Jesus.

O Espírito Santo descrito no Evangelho de João é mencionado com uma nova nomenclatura, João o chama de Paráclito; um substantivo que nenhum dos outros

sinóticos atribuem ao Espírito santo. Essa atribuição nos dá mais que um simples nome novo, mas uma realidade e evidência a missão e compreensão a respeito do Espírito Santo No Novo Testamento.

A palavra *paraklētos* é específica à ao escrito joanino (Cardoso, 2024, p. 70). Nas passagens em João tal como (14.15-17.26; 15.26-27; 16.7-11.12-14). Nessas cinco passagens descritas, Raymond Brown entende que o título *paraklētos* é atribuído a alguém que não é o Cristo, nem um intercessor e muito menos se localiza no céu e a tradição cristã entende está figura como sendo o Espírito Santo, (Brown, 2020, pág., 1641).

Ao tomar nota das passagens acima, conclui-se que as funções básicas do parácleto são duplas: ele habita nos discípulos guiando e revelando Jesus, como também hostil ao mundo e põem o mundo em juízo. Jesus no seu discurso de despedida faz essa conexão entre sua partida e a chegada do parácleto.

O termo grego *paraklētos*, traduzido por Conselheiro na NVI, é o adjetivo verbal de parakaleô, literalmente ‘chamar de lado’ e conseqüentemente, encorajar, exortar’. O adjetivo verbal tem sentido passivo, é aproximadamente equivalente a ho parakeklēmenos, ‘o que é chamado de lado’. No grego secular, *paraklētos* significa primariamente ‘assistente jurídico, advogado’ (LSJ, s.v.), isto é, alguém que ajuda. (Carson, 2007, p. 499)

O termo apresenta a junção de para: prep.: adv. – ao lado, perto, de lado. E κλητός, η, ov: adj. Vbl.: καλέω – chamado, convidado. Nestas duas palavras, unindo-as, podemos deduzir, já que se trata de Uma forma de um particípio passivo: “chamado para junto de alguém”, ou seja, chamado para estar ao lado dos discípulos (Duffor, 1996, p. 170). As pesquisas sobre o título “Paráclito” não chegaram a um resultado seguro”, uma vez que as significações de parákletos nas Despedidas joaninas são extensas. Ao mesmo tempo, vale ressaltar: “o papel do Paráclito/Espírito da Verdade junto aos discípulos que permaneceram no mundo encaixa-se bem na Perspectiva dominante do Quarto Evangelho: manifestar o mistério do Filho.

A modo de resumo, diremos que nenhuma tradução de *paraklētos* capta a complexidade das funções forenses ou outras que esta figura tem. O Parácleto é uma testemunha em defesa de Jesus e um porta-voz que fala em seu nome quando é julgado por seus inimigos; o Parácleto é um consolador dos discípulos, pois ele assume o lugar de Jesus entre eles; o Parácleto é um mestre e guia dos discípulos e, assim, seu ajudador. Ao traduzir a palavra grega para o latim da Vulgata, Jeronimo fez uma

escolha entre essas traduções que oferecia o OL como *advocatus* e consolador, e o costume de simplesmente transliterar o termo como *paracletos*. No evangelho, ele assumiu o segundo recurso (*advocatus* aparece em 1 João), o mesmo caminho também seguido nas traduções da Siríaca e Coptica. Provavelmente seria sábio também nos tempos modernos estabelecer para "Paracleto", uma transliteração aproximada que preserva a unicidade do título e não enfatiza apenas uma das funções em detrimento das outras. (Brown, 2020, pág,1642) .

O escritor Brown mostra que a palavra *paraklētos* é muito rica. Nenhuma tradução sozinha dá conta: o Paráclito é advogado que defende Jesus, consolador que fica no lugar Dele e mestre que ensina os discípulos². Por isso Jerônimo preferiu não traduzir, mas manter o nome Paracleto. Isso mostra que a Igreja sempre entendeu o Espírito Santo como uma Pessoa com várias funções, não apenas uma força. Entender isso é o primeiro passo para estudar a doutrina do Espírito Santo de forma correta.

1.3 O Paracleto na compreensão de João

A combinação literária em que João, faz em conceito ao Espírito Santo, é o que mostra a apresentação joanina do paráclito. Ao analisar está apresentação com mas detalhes, “nossa tese é que João apresenta o paráclito como sendo o Espírito Santo em uma função especial (Brown,2020, pág.1648)”.

A saber, como a presença pessoal de Jesus no cristão enquanto Jesus estiver com o pai. (Cardoso,2024, pág,69). Isso significa que o que João diz a respeito do Espírito Santo não é inconsistente com quem é dito no próprio evangelho e nos demais livros do NT sobre o Espírito Santo. A apresentação do *Paráclito* e mas pessoal em relação ao Espírito Santo em outras passagens Neotestamentária (Ferraro, 1982, pág.95-96).

As passagens Triádicas de Paulo de o Espírito colocadas lado a lado com o Pai e o filho, mostra um entendimento que o Espírito realiza ações voluntárias (1Co 12.11; Rm 8.16). Se o pai dá o paracleto ao pedido de Jesus, o pai dá o Espírito Santo aos que lhe pedem (Lc 11.13; também Jo 3.24; 4,13). Se se o paracleto é chamado o Espírito da Verdade e Lemos que ele dá testemunho em favor de Jesus, em 1 João

² Atos 1:8; João 14:26; Romanos 8:26.

5,6(7) nos é esclarecido: “E o Espírito é o que testifica, porque o Espírito é a verdade”. Se é através dos discípulos que o paráclito é testemunhado, logo em Atos a vinda do Espírito capacita os discípulos a testemunharem a ressurreição de Jesus.

Sendo assim, associar o paráclito como sendo o Espírito Santo em Jo 14,26 não se torna um equívoco, pois as similaridades entre o paráclito e o Espírito Santo estão em todas as passagens da Bíblia. (Brown, 2020, p. 1649). Se o *paráclito* pode se entender que é “outro” isso nos leva a considerar que Jesus era o primeiro *paráclito* terreno antes do Espírito. No tocante isso D. A Carson concorda com Brown.

Aquele a quem Jesus pedirá que o Pai mande é chamado de ‘outro Paracleto’ (allon paraklêton). Embora seja possível entender que a expressão signifique ‘um outro, isto é, um Paracleto’, os argumentos à favor de ‘outro Paracleto’ são decisivos {cf. Franck, p. 38}. Alguns afirmam que allon nesse ponto significa ‘outro Paracleto do mesmo tipo’, mas o uso que João faz deste termo nos impede de colocar tanto peso nele {cf. nota adicional sobre 5.31,32}. Não obstante, ‘outro Paracleto’, no contexto da partida de Jesus, implica a idéia de que os discípulos já têm um, o que está partindo. Embora Jesus nunca seja, no quarto evangelho, explicitamente referido como um paraklêtos, o título é aplicado a ele em 1 João 2.1 (NVI: “alguém que fala [...] em nossa defesa” [NVI ‘intercessor’]). Isso significa que a presente advocacia de Jesus realiza-se nos tribunais do céu; João 14 implica a idéia de que, durante seu ministério, sua função como Paracleto, de fortalecer e ajudar seus discípulos, foi realizada na terra. ‘Outro Paracleto’ é concedido para desempenhar esta última tarefa. A identidade do outro Paracleto torna-se clara nesse momento. (Carson, 2007, pág. 500).

A explicação de Carson sobre João 14,16 é direta: ao dizer “outro Paráclito”, Jesus mostra que Ele mesmo foi o primeiro. Enquanto esteve na terra, Jesus consolou, defendeu e ensinou os discípulos. Quando voltou ao Pai, enviou o Espírito Santo para fazer a mesma obra. O Espírito não é um substituto menor, mas o “outro Paráclito” que continua o ministério de Jesus no meio da Igreja. Isso prova que o crente nunca fica sozinho: se antes tinha Cristo ao seu lado, agora tem o Espírito dentro de si. Essa promessa é a base para entendermos quem é o Espírito Santo e o que Ele faz.

Capítulo 2: O paráclito e os pais da igreja.

Os pais da igreja ou patrística como é chamado, refere-se aos escritores ortodoxos da igreja primitiva. (Campenhausen, 1998, p. 15). É um termo que se refere a líderes e teólogos cristãos que tiveram certa influência no passado e que contribuíram significativamente para o desenvolvimento e a formação da doutrina e da prática cristã. Portanto, são considerados “pais” porque vieram primeiro e guiam os crentes atuais com sua sabedoria e conhecimento. (Lifton, 2007, p. 19)

A patrística diz respeito à era dos pais da Igreja, sucessores dos apóstolos, seus escritos e pensamentos, que formam a literatura cristã antiga. A expressão "teologia patrística" foi criada pelos teólogos do século XVIII, quando expuseram a doutrina dos pais da Igreja, distinguindo-a da "teologia bíblica, escolástica, simbólica e especulativa. A patrística tem caráter doutrinal, se relacionando também com a teologia moral, teologia espiritual, a Sagrada Escritura e a liturgia. A patrística teve sua origem na necessidade urgente de consolidar a tradição ortodoxa, tendo assim um peso de autoridade para validar as doutrinas ou opor-se a elas. (Germano, 2020, p. 13)

Os debates teológicos na patrística duraram um bom tempo; tendo início no final do primeiro século perdurando até meados do século oito, época dos grandes concílios do cristianismo³. Sendo assim, as discussões pneumatológicas nos mostram que já em seus inícios, século II propriamente dito, pouca atenção foi atribuída à pessoa do Espírito Santo, esse assunto era praticamente ignorado tanto ao que diz respeito à sua personalidade quanto à sua atuação. (Ryrie, 1980, p. 111)

Essa atenção na pessoa do Espírito Santo, só teve maior proporção no primeiro concílio de Constantinopla, 381 d.C. Entretanto, ainda que algumas informações tenham sido elaboradas no final do quarto século, faz-se necessário dizer que é um equívoco pensar em uma total falta de interesse Teológico na pessoa e obra do Espírito Santo por parte dos pais apostólicos.

Ao contrário, Ele foi percebido como uma força divina historicamente operante. Cabia aos teólogos a tarefa de reelaborar teologicamente e Com uma linguagem nova essa experiência divina do Espírito, já Reconhecida e fixada no material —bruto da pregação e do culto da Igreja. Deve-se, contudo, rejeitar a ideia de que, na Igreja dos primeiros séculos O Espírito Santo não tenha sido reconhecido em seu agir. É até

³ Nicéia (325)
Constantinopla (381)

difícil Encontrar outra ideia que tenha exaltado tanto a consciência escatológica E o sentido da comunidade da Igreja como a persuasão do Espírito Santo Dado pelo Pai e comunicado por meio de Cristo (Padovese, 2004, p.77)

A doutrina do Espírito Santo está normalmente em sintonia com outras doutrinas bíblicas principalmente com a doutrina da Trindade (Smeaton, 1961, p. 256). Precisamos considerar que por mais que a doutrina do Espírito Santo não tenha sido discutido na mesma proporção que as outras duas pessoas da Trindade, os pais apostólicos sempre mencionaram o Espírito Santo como igualmente divino, e isso tem grande relevância entre eles. (Frangiotti, 2006).

2.1 O século 1: Didaquê, Clemente de Roma e o Espírito Santo.

O texto patrístico do Didaquê, diz que o termo grego διδακή (*didaké*) significa instrução ou doutrina (Padres Apostólicos, 2003, p. 3), também conhecido como escritos dos doze; sua autoria é incerta e sua data de escrita provavelmente entre os anos 80 e 90 d.C.

O Didaquê é uma composição anônima de diversas fontes derivadas da tradição viva, de comunidades eclesiais bem definidas (RORDORF, 2002).

No ano de 1873, Filoteo Bryennios encontrou, na biblioteca do mosteiro do santo sepulcro em Constantinopla, um rolo de manuscritos grego Datado de 1905, entre esses achados estava o chamado didaqué. Em 1883 Bryennios fez a primeira tradução em forma de livro; já em 1887 foi levado para a biblioteca patriarcal, de Jerusalém, desde então várias cópias do documento foram feitas servindo para uso de pesquisa (Padres Apostólicos, 1995, p. 335). Em relação ao Espírito Santo, duas vezes o didaqué faz menção, a primeira está ligada sobre a questão batismal:

Quanto ao batismo, procedam assim: depois de ditas essas coisas, batizem em água corrente, em nome do Pai, do Filho e do Espírito santo. Se você não tem água corrente, batizei em outra água; se não puder batizar em água fria, faça em água quente. Na falta de uma ou de outra derrame três vezes na cabeça, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. (Padres Apostólicos, 1995, pág. 351)

Já a segunda menção atribuída ao Espírito Santo está sobre o fato dele em inspirar os profetas a profetizarem: “não coloquem a prova nem julguem um profeta

que em tudo fala sob inspiração, pois todo pecado será perdoado, mas esse não será perdoado (Padres Apostólicos, 1995, p. 355).

O teólogo patrístico Clemente de Roma registra a respeito de várias informações são levantadas a seu próprio respeito. Para uns ele era membro de uma família imperial Flaviana; outros argumentam que era um escravo da família Flávia, que se converteu e se dedicou a serviço da igreja após ser liberto. Clemente ainda é identificado como colaborador de Paulo citado em Filipenses 4.13, e essa idéia é sustentada por Eusébio de cesareia e Orígenes (Padres Apostólicos, pág 12).

As contribuições de Clemente a respeito do Espírito Santo, são baseadas principalmente de sua carta endereçada aos coríntios; tendo como principal foco a diminuição de conflitos que entre os presbitérios da igreja (Padres Apostólicos, pág. 17). Em sua primeira citação feita ao Espírito Santo, Clemente, faz menção ao abundante derramar do Espírito em toda comunidade de Corinto, em relação a uma conduta exemplar do Cristão.

Vós éreis todos humildes e sem vangloria, procurando mais obedecer do que mandar, mais felizes em dar do que receber. Vós vos contentáveis com as provisões de viagens fornecidas por Cristo, guardáveis zelosamente as palavras dele no fundo de vossas entranhas, e o sofrimento dele estava diante dos vossos olhos, dessa forma, uma paz profunda e radiante fora dada a todos, junto com o desejo insaciável de prática o bem, e se espalhara sobre todos abundantemente a efusão do Espírito Santo (*Primeira carta de Clemente aos coríntios, in: Padres apostólicos 2:2, p. 24.*)

O pai da igreja, Clemente, ao concluir sua carta faz um convite aos destinatários á obediência ao nome Santíssimo da majestade divina, associando a pessoa do Pai, do Filho e do Espírito santo:

Obedecemos, portanto, ao seu nome santíssimo e glorioso, fugindo das ameaças proferidas pela Sabedoria contra os que resistem, a fim de que “habitemos confiantes sob o nome santíssimo de sua majestade. Recebei nossos conselhos, e não vos arrependereis. Pela vida de Deus, pela vida do Senhor Jesus Cristo e do Espírito Santo, que são a fé e a esperança dos eleitos: aquele que tiver praticado com humildade os preceitos e mandamentos dados por Deus na simplicidade, e perseverando na mansidão, esse será colocado e contado no número dos que foram salvos por Jesus Cristo, a quem pertence a glória pelos séculos dos séculos. Amém. (Padres Apostólicos, 1995. P. 64)

A Pneumatologia presente nos escritos de Clemente não difere dos escritos do novo testamento. Também podemos perceber a não preocupação em discutir de

forma pormenorizada sobre a natureza, a obra do Espírito Santo e sua relação com o Pai e o Filho.

2.2 A defesa ao Espírito Santo por Basílio Magno.

O pai de igreja e teólogo Basílio Magno (330-379), foi bispo na capadócia a partir do ano 370, exerceu grande influência na vida da igreja tanto nos assuntos pastorais como teológicos. Teve vários tratados e 366 cartas escritas, onde tratava assuntos dogmáticos, litúrgicos, sociais.

O Tratado em que se opôs a Eunômio, entre 363-365, teve como objetivo combater o Arianismo radical que permutava entre a época em que se dizia: somente o Pai e Deus (Cesareia, 1992.). Em 374, Basílio escreveu o Tratado que ficou intitulado “o tratado sobre o Espírito Santo,” Basílio escreveu esse tratado a pedido de seu amigo Anfíloquio, o qual procurava responder questões duvidosas. Os que tratavam em relação a trindade, negavam a glorificação do Espírito santo juntamente com o Pai e o Filho.

Há outra problemática forte que percorria era o que o Bispo de Constantinopla defendia; macedônio alegava a subordinação Do Espírito Santo ao Pai e ao Filho (Cesareia, 2005).

Os debates dogmáticos estavam entre abertos, e, em suas reuniões, Basílio “glorificava a Deus Pai com ambas as formas de doxologia: pra com o filho, com o Espírito Santo; ora Pelo filho no Espírito Santo”. Isso trouxe alguns questionamentos por parte dos ouvintes e parecem não ter prazer pela forma em que o Bispo de cesárea se expressava.

Alguns dos presentes nos acusam de empregar palavras estranhas e até contraditórias entre si. Tu, [...] pensando antes no bem deles, [...] pediste um ensinamento bem claro sobre o alcance dessas sílabas.” (Basílio, 1992, p. 21)

O registro ilustra certa tensão teológica enfrentada por Basílio de Cesareia ao equilibrar a tradição litúrgica com a precisão doutrinária necessária para defender a divindade do Espírito Santo. O fato de usar diferentes preposições na doxologia destaca um campo de batalha dogmático onde o "com" enfatizava a igualdade de

honra entre as pessoas da Trindade, enquanto o "pelo" sublinhava a ordem da economia da salvação. Basílio se posiciona diante da resistência dos informados, e, então sistematiza a sua teologia. A disputa sobre "sílabas" destaca em um dos tratados pneumatológicos mais influentes da história da Igreja.

2.3 Combatendo as heresias

O Bispo de Cesareia teve uma grande preocupação em combater os heréticos e com isso acabou desenvolvendo uma exegese do texto com o intuito de combater os que queriam influenciar os cristãos a acreditarem na diversidade das naturezas, negar a divindade Do Espírito.

Ora, a locução de quem é diferente da locução por quem. Por Consequente, o Filho não é semelhante ao Pai. Desta afecção, com Efeito, provém a loquacidade destes hereges sobre as mencionadas Expressões. Daí vem que eles destinam a Deus Pai, como porção de Escol, a expressão de quem. (Cesareia, 2005, p. 92).

O escritor Comblim igualmente evidencia a atuação divina nas comunidades cristãs primitivas ao assinalar que, inicialmente, foi necessário que Deus agisse em Pedro. O Espírito Santo o compeliu a franquear o acesso aos gentios, conforme exemplificado no episódio envolvendo o centurião Cornélio (At 10-11). [...] o Espírito Santo manifestou-se sobre a família de Cornélio, de origem pagã. (2009, p. 21).

A equiparação do Espírito Santo às outras pessoas divinas não introduz divisão ontológica em Deus. O debate visa refutar explicitamente as heresias macedoniana, ou seja, os que diziam que pregar sobre o Espírito Santo dividia-se a divindade. Qualquer ofensa à divindade de uma hipóstase trinitária atinge as três, porquanto há identidade numérica de essência entre elas. Deus é um na substância e trino nas pessoas. Assumir e defender essa formulação dogmática é imperativo de coerência com a profissão de fé batismal.

Como acreditamos no Pai e no Filho e no Espírito Santo, assim também somos batizados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Precede, de fato, a confissão que nos conduz à salvação; mas, segue-se logo o batismo, selo de nossa adesão. (Cesareia, 2005, p. 121)

Ao refutar o subordinacionismo pneumatológico, Basílio de Cesareia sustenta a inexistência de hierarquia entre as hipóstases trinitárias. Em nenhum momento a

Revelação atribui ao Espírito Santo uma posição inferior. “Ao nos fazer [...] a revelação do Pai e do Filho e do Espírito Santo (Mt 28,19), não os revelou com um número” (Basílio, 1992, p. 87). Basílio ainda sustenta o argumento: “de fato, não disse: no primeiro, e no segundo e no terceiro; nem em um, e em dois e em três, mas através dos santos nomes concedeu-nos o conhecimento da fé que conduz à salvação” (Cesareia, 2005, p. 142). Com isso, descarta-se qualquer inferência de inferioridade essencial do Espírito Santo diante do Pai e do Filho.

A menção à Tradição confere autoridade ao raciocínio basiliano e atesta que ele não professa ensino privado, senão a doutrina comum do corpo eclesial.

São eles: o ilustre Irineu, Clemente Romano, Dionísio de Roma e Dionísio de Alexandria que (coisa paradoxal!), na segunda carta a seu homônimo, “Refutação e apologia”, assim conclui o discurso (transcrevo literalmente suas palavras): “nós também, de acordo com todos eles, tendo recebido de nossos presbíteros modelo e a regra, unânimes damos graças, e assim terminamos a carta que vos escrevemos. A Deus Pai e ao Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, com o Espírito Santo glória e poder nos séculos dos séculos. Amém” (Cesareia, 2005, p. 144).

Basílio foi o primeiro a escrever um tratado só sobre o Espírito Santo. As muitas heresias da época fizeram com que ele escrevesse sobre isso. A doutrina da divindade do Espírito Santo, defendida por ele, virou dogma no Concílio de Constantinopla em 381 d.C., depois de sua morte. O bispo de Cesareia foi corajoso ao dizer que o Espírito Santo tem a mesma natureza de Deus. Seu tratado ajuda a Igreja até hoje a entender a Terceira Pessoa da Trindade. Por isso, Basílio foi um dos primeiros a usar os conceitos de *ousía* e *hypóstasis* para explicar que as Três Pessoas são um só Deus.

Capítulo 3: O papel do Espírito Santo na vida cristã e na igreja

A atuação do Espírito Santo, seja na esfera individual ou comunitária, é fundamental para a análise em profundidade, mesmo que de forma sucinta, conceitos encontrados na Escritura e na tradição eclesial que esclareçam quem é esta Pessoa da Trindade. Estas definições servirão de fundamento para as reflexões propostas neste trabalho.

As Escrituras contêm inúmeras referências, diretas e indiretas, ao Espírito Santo. Contudo, a diversidade de traduções bíblicas e o fato de Ele nem sempre ser nomeado como "Espírito Santo" — aparecendo, por vezes, apenas como "vento" ou "sopro", termos traduzidos do hebraico *ruah* e do grego, *pneuma*, tornam complexa a tarefa de contabilizar com exatidão todas as suas ocorrências. Ainda assim, Averbek (2005, p. 17) estima cerca de 200 menções diretas nos dois testamentos, considerando como equivalentes as expressões "Espírito de Deus", "Espírito do Senhor" e "Espírito Santo".

3.1 Os fundamentos bíblicos

Os fundamentos bíblicos que sustentam tanto a personalidade quanto a divindade do Espírito são diversos. Primeiro, atribuem-se a Ele atributos próprios de Deus, como onipresença (Sl 139.7-8), onisciência (1Co 2.10-11) e onipotência (Lc 1.35). Segundo, há a promessa de Cristo sobre o envio do Espírito da Verdade, que estaria com os discípulos e neles habitaria (Jo 14.16-17). Terceiro, são conferidas ao Espírito características pessoais, como intelecto, volição e emoções, visto que Ele pode ser entristecido (Ef 4.30). Por fim, destaca-se a fórmula batismal ordenada por Jesus, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mt 28.19), além da manifestação trinitária no batismo de Cristo (Mc 1.9-11). No Evangelho de João (14.16; 14.26; 15.26; 16.7) e em 1 João 2.1, o Espírito é chamado de Parakletos termo frequentemente vertido como Consolador ou Ajudador, Segundo William Barclay (1985, p. 153).

Quanto às abordagens mais recentes sobre a terceira Pessoa da Trindade, observa-se uma vasta produção teológica nas últimas décadas. Esse aumento está ligado, em grande parte, à expansão do pentecostalismo e dos movimentos carismáticos nas diversas tradições cristãs. Vale lembrar que, na Igreja Antiga, o tema

da "pessoa do Espírito Santo" foi tratado com cautela até que se consolidassem os fundamentos doutrinários acerca de sua divindade (McGrath, 2005, p. 366).

O escritor e teólogo Franklin Ferreira (2008, p. 700), por exemplo, defende que o cristão deve tributar ao Espírito a mesma glória atribuída ao Pai e ao Filho, visto que os três compartilham uma única essência e que suas ações são o cumprimento, em unidade e harmonia, do plano eterno elaborado pelas três Pessoas. Na mesma linha, Gordon D. Fee (1994, p. 899) ressalta a participação ativa do Espírito na vida do crente, ao afirmar que Ele molda o cristão à imagem de Cristo para a glória de Deus, atuando como a presença divina que capacita o fiel a viver, no presente, a vida de Deus.

Uma doutrina pneumatológica, bem fundamentada, gera consequências práticas. Entendendo que o Espírito não é uma energia impessoal, o cristão é chamado a cultivar um relacionamento de submissão a Ele. Por ser plenamente Deus, é digno da mesma honra e reverência conferidas ao Pai e ao Filho, sendo, portanto, legítimo prestar-lhe adoração. E, sendo Ele tanto plenamente pessoal quanto plenamente divino, aproxima-se de cada crente a ponto de fazer morada em seu interior. Desse modo, por meio da ação do Espírito, Deus se manifesta como Emanuel Deus conosco de maneira ainda mais íntima (Erickson, 2015, p. 825).

Ao longo dos séculos, a Igreja Cristã tem confessado que o Espírito Santo não como uma força ou energia difusa presente na criação, mas como o próprio Deus. Mais precisamente, Ele integra a Trindade e possui a mesma plenitude e divindade do Pai e do Filho. O Credo Niceno, firmado entre os séculos IV e VI com base nas convicções essenciais da Igreja Primitiva, declara: "no Espírito Santo, Senhor e Vivificador, que procede do Pai e do Filho⁴, que com o Pai e o Filho é juntamente adorado e glorificado, que falou pelos profetas" (HODGE, 1991, p. 25). Essa posição foi ratificada pelo Credo Atanasiano, datado de período semelhante, que reitera a divindade do Espírito como verdadeira, eterna, infinita e igual ao Pai e ao Filho em glória e majestade (Id., p.117). Ambos os credos permanecem amplamente

⁴ Doutrina de Filioque (filho) Confessa que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, uma adição ao Credo inserida posteriormente que fundamenta a interligação e o amor recíproco entre as Pessoas da Trindade.

A ortodoxia (oriental), Sustenta que o Espírito Santo procede unicamente do Pai. Esta diferença teológica e a alteração unilateral no Credo foram uma das causas do Grande Cisma de 1054.

reconhecidos pelo cristianismo, apesar das fragmentações doutrinárias e denominacionais ocorridas após a Reforma Protestante.

Acerca da divindade do Espírito, Calvino sustenta:

Portanto, como temos toda a nossa confiança repousando em Deus, o Pai, e Em seu Filho unigênito, assim devemos depositar a mesma confiança no Espírito Santo. Aliás, ele é o nosso Deus, um com o Pai e com o Filho. Estamos persuadidos de que, para nós, não há nenhum outro guia e líder Para o Pai senão o Espírito Santo, justamente como não há outro caminho Fora de Cristo; e que não há nenhuma graça de Deus, salvo através do Espírito Santo. (CALVINO, 2018, p.113)

A citação de Calvino resume o que vimos no trabalho todo. Desde João, que chama o Espírito Santo de outro Consolador igual a Jesus, até Basílio Magno, que defendeu que Ele é Deus e não uma criatura, a Igreja sempre afirmou que o Espírito Santo é Deus. Calvino só organizou o que a Bíblia e os Pais da Igreja já ensinavam: sem o Espírito Santo não conseguimos chegar ao Pai nem receber Sua graça. Por isso, quando Congar e Moltmann falam do esquecimento do Espírito, não é só um erro de doutrina. É um problema prático para o discipulado hoje, porque tira da Igreja Aquele que ensina, transforma e forma o caráter de Cristo no crente.

3.2 A atividade do Espírito Santo no crente.

A atuação e a presença do Espírito Santo são tidas como indispensáveis para uma vivência cristã genuína e produtiva. Diante disso, este tópico buscará identificar as diversas formas pelas quais o agir do Espírito pode ser percebido na vida do crente. É correto afirmar que o Espírito opera de modos variados e relevantes, sendo sempre Ele o responsável por gerar transformação, capacitação e orientação espiritual. Contudo, existe uma obra específica do Espírito que recai igualmente sobre toda a humanidade: convencer o ser humano de seu estado de pecado.

Conforme Billy Graham (2009, p. 103), "todo cristão deve ser cheio do Espírito. Algo inferior a isso corresponde apenas parcialmente ao propósito de Deus para sua vida". Toda ação da Divindade é executada pelo Espírito Santo. No Credo Niceno-Constantinopolitano, Ele é descrito como "Senhor e Vivificador" (HODGE, 1991, p. 25). Trata-se do Espírito eterno, onipotente e onipresente, Espírito de vida e de luz, que age continuamente movido pelo amor divino, conforme discutido anteriormente.

Antes de aprofundar a obra do Espírito, convém destacar uma característica revelada na Escritura: Ele atua simultaneamente de forma geral e seletiva. "Seletiva" porque o Espírito de Deus escolhe e capacita indivíduos específicos para tarefas específicas. Todas essas operações, porém, visam cumprir o plano salvífico de Deus para toda a humanidade. Nesse caso, alguém é escolhido e habilitado para que, por meio dele, muitos sejam beneficiados. Já a operação "geral" refere-se à obra de convencimento do pecador quanto ao seu pecado, já mencionada (Exército da salvação, 1878, p. 67).

Para Charles (2011, p. 30), a liberdade é inerente à natureza e à ação do Espírito Santo. Toda liberdade procede do Espírito, e agir em liberdade é próprio dele. Segundo o autor, cada pessoa é convocada, mediante o discernimento conduzido pelo pneuma divino, tanto para uma transformação integral no mesmo Espírito despiendo-se do "homem velho" e revestindo-se do "homem novo" (Ef 2:22) — quanto para a edificação dessa nova humanidade. Tal construção e transformação em novo homem "consiste na liberdade que é a nova vocação, onde ser livre significa ser capaz de produzir o inédito, projetar uma personalidade única e formá-la por meio dessa mesma projeção".

A Escritura apresenta a presença do Espírito Santo na vida cristã (Gl 5:22,23; Efésios 1:13,14), bem como sua atuação como agente de transformação e capacitação dos discípulos de Cristo, como realidades essenciais e indispensáveis. O Espírito é descrito como aquele que convence do pecado, conduz à verdade, habilita para o serviço e gera o fruto que manifesta o caráter de Cristo. Mesmo diante da diversidade de ênfases teológicas e práticas entre as tradições cristãs, a obra do Espírito Santo constitui um ponto de unidade na experiência dos fiéis. Sua presença ultrapassa fronteiras denominacionais e reforça a identidade cristã comum, firmada em Cristo e expressa no amor a Deus e ao próximo.

O Espírito Santo capacita, transforma e fortalece os crentes, orientando-os em sua caminhada espiritual rumo a uma vida marcada por amor, santidade e serviço. Buscar uma comunhão mais profunda com Ele e manter-se sensível à sua direção são condições indispensáveis para uma vida cristã plena e abundante. Ainda que a compreensão e a vivência da ação do Espírito variem, sua centralidade na vida do cristão é um elemento fundamental que une os seguidores de Cristo em sua trajetória de fé.

Embora as atitudes individuais possam interferir na operação do Espírito na vida pessoal, nenhuma ação humana é capaz de impedir que todas as coisas alcancem seu propósito final em Cristo (Ef 1:10).

3.3 O Espírito Santo e a Igreja

Este último tópico trata, de forma sucinta, da relação entre o Espírito Santo e a Igreja. Sem pretensão de esgotar o tema, busca apresentar pontos considerados essenciais. Para isso, é necessário, primeiramente, delimitar o que se entende por Igreja em seu sentido fundamental, para então vincular essa definição à Pessoa do Espírito. O escritor Lewis (2017, p. 155) afirma que “a Igreja é a noiva de Cristo e nós somos membros uns dos outros”. No meio evangélico, a figura da “noiva” é recorrente para descrever o vínculo que os cristãos mantêm com Jesus, seu Senhor: um relacionamento marcado por intimidade e proximidade.

Conforme Erickson (1997, p. 438), no grego clássico o termo do Novo Testamento para igreja, *ekklesía*, designava simplesmente a reunião dos cidadãos de uma cidade. Essa assembleia se ocupava de assuntos pertinentes ao cotidiano da comunidade local. Portanto, não existia *ekklesia* composta por um único indivíduo. Tal definição contesta a ideia contemporânea de que alguém possa “ser igreja” isoladamente, sem partilhar crenças e vivências em comunidade.

Outro conceito que reforça essa refutação vem de Paulo: “Ora, assim como o corpo é uma unidade, embora tenha muitos membros, e todos os membros, mesmo sendo muitos, formam um só corpo, assim também com respeito a Cristo” (1Co 12:12). O apóstolo prossegue dizendo que “o corpo não é feito de um só membro, mas de muitos” (v. 14) e conclui: “você são o corpo de Cristo, e cada um de vocês, individualmente, é membro desse corpo” (v. 27). A mão, por exemplo, não é o corpo por si só; integra o corpo, mas isolada não o constitui. Da mesma forma, o cristão é membro do corpo de Cristo, porém, sozinho, não é o corpo. Cabe destacar que, nessa metáfora, Cristo é a cabeça do corpo (Cl 1:18). Assim, a Igreja se revela como a união dos que estão sob a autoridade de Jesus, sendo essa submissão fundamental para o funcionamento saudável do corpo.

Para Erickson (1997., p. 444), “a Igreja deve ser uma comunhão de crentes regenerados que manifestam as virtudes espirituais de seu Senhor”. Desse modo, cabe à Igreja fomentar a comunhão dos santos com o objetivo de glorificar aquele que os santificou e continua a santificá-los. Em apoio a essas definições, Grudem (2018, p. 145) afirma: “A Igreja é a comunidade de todos os verdadeiros cristãos em todos os tempos. Isto é, a Igreja é formada por todos os homens e mulheres que foram, são ou serão verdadeiros crentes em Jesus”. Mais uma vez, percebe-se que a Igreja é o conjunto de pessoas que confessam fé no nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus e que, juntas, avançam de glória em glória, aguardando o retorno de seu Senhor. É comum a percepção de que o Espírito Santo atua apenas a partir de Atos 2, quando desceu sobre os discípulos no Pentecostes em Jerusalém. Entretanto, o Espírito de Deus está presente em diversas passagens e eventos do Antigo Testamento, evidenciando sua ação desde o princípio.

Logo no começo de tudo, Gn 1:2 registra que “o Espírito de Deus pairava sobre a face do abismo”. Ele sempre esteve presente. Outros textos, como Nm 11:24-30, mostram uma manifestação clara do Espírito de Deus e antecipam Atos 2. Devido à brevidade deste trabalho, não é possível analisar cada passagem. Todavia, o exposto já demonstra que o Espírito Santo tem se envolvido em toda a história humana, especialmente na caminhada do povo de Deus, ainda que com revelação progressiva.

Packer (2018, p. 73) sintetiza: “Em resumo, no Antigo Testamento o Espírito é Deus em ação como criador, governador, revelador, vivificador e capacitador”. Atualmente, são numerosas as operações do **E**spírito que já pairava antes da criação sobre o corpo de Cristo a Igreja. Para manter a clareza, este trabalho adotará as cinco funções do Espírito listadas por Packer acima criador, controlador, revelador, vivificador e capacitador como categorias para exemplificar sua relação com a Igreja.

Erickson (1997, p. 443) observa com precisão: “Foi o Espírito quem deu origem à Igreja”, referindo-se ao episódio de Atos 2, no Pentecostes, quando o Espírito Santo foi derramado abundantemente sobre cerca de três mil pessoas, marcando o início do que posteriormente se reconheceu como Igreja. Para que a Igreja exista, é indispensável a intervenção direta do Espírito Santo; sem essa atuação, não haveria Igreja.

É a ação do Espírito que torna a Igreja um organismo vivo, dinâmico e em constante transformação, capacitando-a a cumprir seu propósito e dar continuidade à obra iniciada por Jesus. Na mesma perspectiva, Hull (2022, p. 248) afirma: “Cristo ainda

não concluiu sua obra na terra. Ele optou por prosseguir sua vida por meio da sua Igreja". Assim, o Espírito não apenas origina a Igreja, mas também a mantém, garantindo sua vitalidade.

3.4 O Espírito santo capacita a igreja

A Igreja jamais deve caminhar, em nenhuma circunstância, sem submeter-se integralmente à direção do Espírito Santo. Caso contrário, inevitavelmente enfrentará o fracasso. O termo "controle" aqui não possui conotação negativa ou opressiva, mas refere-se a uma condução pautada em amor e bondade, cujo propósito não é subjugar, mas conceder vida e orientação divina à comunidade dos santos.

Ao examinar, ainda que brevemente, as sete igrejas mencionadas em Apocalipse, observa-se que cada uma apresentava virtudes e fragilidades. Algumas receberam mais elogios, outras menos. Embora tivessem características distintas, a todas Jesus dirige a mesma exortação: "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas" (Ap 2:7; 2:11; 2:17; 2:29; 3:6; 3:13; 3:22).

Nas cartas endereçadas a essas comunidades, percebe-se com clareza a ação diretiva do Espírito Santo, pois é Ele quem determina o que deve ser praticado ou abandonado na Igreja. Desse modo, o Espírito exerce a função de governar e orientar a Igreja, conduzindo-a conforme a vontade de Deus.

Em 2 Coríntios 3:6, o apóstolo Paulo declara que "a letra mata, mas o Espírito vivifica". A "letra" mencionada por Paulo não diz respeito ao estudo, à leitura de livros ou a qualquer outra forma de aquisição de conhecimento. O termo refere-se à Lei, tema sobre o qual há amplo debate. Todavia, para favorecer a compreensão, este tópico concentrar-se-á na segunda parte da afirmação: "o Espírito vivifica". É o Espírito quem concede vida à Igreja.

O Espírito Santo confere vitalidade à Igreja, não para que ela se limite a cumprir manuais, regulamentos, estratégias ou práticas semelhantes, mas para que experimente uma vida fervorosa no Espírito, tornando-se eficaz em sua missão. Uma comunidade eclesial aprisionada a regras, agendas e doutrinas meramente humanas não está sendo vivificada pelo Espírito. A Igreja precisa viver na liberdade do Espírito

Santo, para que Ele conceda vida aos que dela participam e, nesse processo de vivificação, transforme cada pessoa, de glória em glória, à imagem de Cristo, conforme 2 Coríntios 3:18.

Por fim, é o Espírito Santo quem habilita a Igreja. Sem essa habilitação, a comunidade eclesial não consegue realizar sua missão, conforme já exposto. Para Erickson (1997, p. 356), Uma das outras funções do Espírito é dar poder. Tal poder não se refere a uma força dominadora ou opressiva, mas ao poder que o próprio Jesus prometeu que viria sobre seus seguidores e discípulos: o Espírito Santo (At 1:8). Ele foi concedido não somente para que realizassem sinais e prodígios, mas para que fossem testemunhas de Jesus. Essa capacitação do Espírito manifesta-se por meio de dons, distribuídos segundo sua vontade (1Co 12:11).

O Novo Testamento apresenta ao menos quatro listas de dons espirituais. Erickson (1997, p. 358) afirma que os dons são concedidos para o corpo (igreja). Eles são para a edificação de todo o corpo, não meramente para o prazer ou enriquecimento dos indivíduos que os possuem. Dos nove dons mencionados em 1 Coríntios 12, somente um visa à edificação pessoal: o falar em línguas. Os demais oito destinam-se à edificação da Igreja. Portanto, esses dons devem ser exercidos no contexto da comunidade dos santos, com o objetivo de fortalecer o corpo. É na Igreja que o cristão desenvolve seu relacionamento com os dons espirituais e é equipado para testemunhar de Jesus em qualquer lugar. Os dons possuem duas finalidades centrais: edificar a Igreja e revelar Cristo aos que ainda não o conhecem. Torna-se evidente que a Igreja só pode testemunhar acerca de Jesus quando alicerçada no poder do Espírito.

Considerações finais

A história da Igreja, ao longo do tempo, descortina o tema do Espírito Santo e sua atuação tem gerado inúmeros debates e estudos aprofundados. Em alguns períodos, a ênfase recaiu sobre sua participação na Trindade; em outros, sobre seu modo de agir no indivíduo e na Igreja, ou ainda sobre questões ligadas à sua personalidade, embora este último aspecto tenha sido frequentemente negligenciado nos desenvolvimentos teológicos. Contudo, sua ação efetiva e sua presença incontestável nas Escrituras evidenciam sua função indispensável para a realização dos propósitos divinos na criação, no povo de Deus e no interior de cada pessoa.

Ao compreender as designações do Espírito na Palavra especialmente como *parakletos* e ao analisar as interpretações doutrinárias formuladas ao longo do tempo, torna-se claro que Ele deve ser reconhecido, adorado e reverenciado em sua santidade e divindade, sendo um só Deus com o Pai e com o Filho. Ademais, sua obra de consolar e convencer todos os crentes a respeito do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16:8), bem como suas funções de criador, governador, revelador, vivificador e capacitador da noiva de Cristo, atestam sua relevância para o discernimento da verdade e para a vivência, tanto pessoal quanto comunitária, de uma caminhada espiritual autêntica.

As reflexões apresentadas neste trabalho convidam seus leitores a intensificar a comunhão com o Espírito Santo por meio da obediência e do estudo das verdades bíblicas, de uma vida devocional marcada por sinceridade, humildade e oração, e da entrega ao conhecimento do Deus todo-poderoso que, apesar de sua transcendência, se revela e se faz presente aos seus.

Diante da profundidade dos mistérios da fé, a busca constante por compreender o Espírito Santo e sua obra constitui uma das jornadas mais frutíferas da vida cristã. Que esta reflexão permaneça e nutra uma piedosa sede de conhecimento, conduzindo todos ao pleno entendimento da Verdade, conforme o desejo de Deus para sua criação (1Tm 2:4).

Referenciais bibliográficos

AVERBECK, Richard E. *The Holy Spirit in the Hebrew Bible and Its Connections to the New Testament. *Who's Afraid of the Holy Spirit**. Dallas: Biblical Studies Press, v. 1, n. 1, p. 15-36, 2005.

BARCLAY, William. *Palavras chaves do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1985.

BASÍLIO DE CESAREIA. *O Espírito Santo*. Tradução: Frei Paulo Gabriel. São Paulo: Paulus, 1992.

BASÍLIO DE CESAREIA. *Tratado sobre o Espírito Santo*. Tradução: Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus, 2005. Coleção Patrística, v. 14.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2006.

BROWN, Raymond E. *O Evangelho segundo João: comentário*. Tradução: Ivo Storniolo. São Paulo: Academia Cristã, 2020.

CALVINO, João. *Institutas da religião cristã*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2018.

CAMPENHAUSEN, Hans von. *Os pais da igreja: vida e doutrina*. Tradução: Silvino José Fritzen. São Paulo: Hagnos, 1998.

CARDOSO JUNIOR, Luiz Eduardo Coutinho. *O Paráclito em João 14, 1-26. *Coletânea**: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 23, ed. especial, p. 69-81, jul./dez. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v23-ed.especial-2024-4>.

CARSON, D. A. *O comentário de João*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

CARVALHO, César Moisés; CARVALHO, Céfora. *Teologia sistemático-carismática: a conexão pneumática entre as principais doutrinas da fé cristã*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.

CHARLES, Carlos R. O. *Manifestações do Espírito Libertador no Continente da Esperança: uma perspectiva de José Comblin*. 2011. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2011.

COMBLIN, José. *O Espírito Santo no mundo*. São Paulo: Paulus, 2009.

CONGAR, Yves. *Creio no Espírito Santo I: revelação e experiência do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2005.

DIDAQUÉ: *O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades*. São Paulo: Paulus, 2003.

DUFOUR, Xavier Léon. *Leitura do Evangelho segundo João*. v. 3. São Paulo: Loyola, 1996.

ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

ERICKSON, Millard J. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

EXÉRCITO DA SALVAÇÃO. *Manual de doutrina*. São Paulo, 1878.

FEE, Gordon D. *God's empowering presence: the Holy Spirit in the letters of Paul*. Peabody: Hendrikson Publishers, 1994.

FERRARO, G. L. *O Espírito Santo no quarto Evangelho*. São Paulo: Loyola, 1982.

FERREIRA, Franklin. *Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

FRANGIOTTI, Roque. *Cristãos, judeus e pagãos: acusações, críticas e conflitos no cristianismo antigo*. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

GERMANO, Altair. *A teologia do Espírito Santo nos pais da igreja*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

GONZALES, Justo L. *Breve dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009.

GRAHAM, Billy. *O poder do Espírito Santo*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

GRUDEM, Wayne. *20 fundamentos que todo cristão precisa entender*. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2018.

HODGE, Archibald A. *Outlines of theology*. Tradução: Felipe S. A. Neto. Pennsylvania: The Banner of Truth, 1991.

HULL, Bill. *Conversão e discipulado: você não pode ter um sem o outro*. 1 ed. Rio De Janeiro: Thomas Nelson, 2022.

LADARIA, Luis F. *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005.

LEWIS, Clive S. *O peso da glória*. 1 ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017.

LITFIN, Bryan M. *Conhecendo os pais da igreja: uma introdução evangélica*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

MCGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

MOLTMANN, Jürgen. *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1926.

PACKER, J. I. *Caminhando no poder do Espírito*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2018.

PADRES APOSTÓLICOS. Tradução: Ivo Storniolo; Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995. Coleção Patrística, v. 1.

PADOVESE, Luigi. *Introdução à teologia patrística*. São Paulo: Loyola, 2004.

RORDORF, Willy. *A Didaqué: a doutrina dos doze apóstolos*. São Paulo: Paulus, 2002.

RYRIE, Charles C. *Teologia básica: ao alcance de todos*. São Paulo: Mundo Cristão, 1980.

SIQUEIRA, Gutierres. *Pneumatologia: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.

SMEATON, George. *The doctrine of the Holy Spirit*. London: The Banner of the Truth Trust, 1961.